

QUESTÕES METODOLÓGICAS NA PESQUISA DO USO RECENTE DE PLANTAS MEDICINAIS DE FOLK EM BELÉM, ESTADO DO PARÁ, BRASIL (1).

NAPOLEÃO FIGUEIREDO (2)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

As recentes pesquisas sobre Medicina de Folk em Belém (Figueiredo, 1979), mostraram a impossibilidade de serem analisadas simultaneamente, em termos teóricos, a utilização da flora (as plantas), da fauna (os bicos) e dos minérios (as pedras), nessa medicina popular que definimos como o conjunto de práticas mágicas, cerimoniais e persuasivas, baseadas no pensamento simbólico, utilizadas pelos povos de todo mundo para a prevenção, classificação, diagnóstico e tratamento das enfermidades.

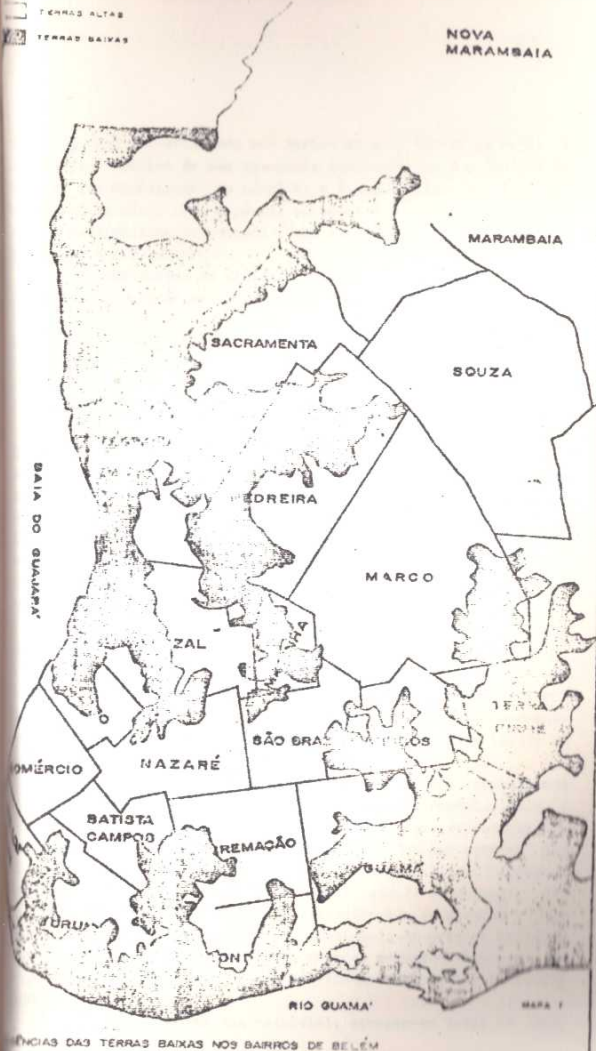
Essas pesquisas mostraram igualmente ser impossível discutir o problema da utilização das plantas medicinais dos mais diversos tipos de doenças que ocorrem na cidade as quais se agrupam em categorias perfeitamente diferenciadas; mostraram também que a Taxonomia utilizada por segmentos da população de Belém, quanto às plantas, aos animais e aos minérios, é bem diferente da Sistemática Científica e finalmente que essas categorias - doenças - plantas-animais - minérios - estão interdigitadas com os mais variados experimentos religiosos, mediúnicos e não mediúnicos, que têm ocorrência na cidade.

Belém é Capital do Estado do Pará e sede de Município. Tem 364 anos de fundação e está com mais de um milhão de habitantes, distribuídos em 21 bairros e 40% de sua área é constituída por baixadas permanentemente alagadas (Mapa I - apud Vergolino e Silva, 1976).

Devido ao universo de pesquisa ser muito grande, a classificação adotada não obedece a um rigoroso tratamento de Etnociên

(1) O presente trabalho, traduzido para o inglês com o título - QUESTIONS OF METHODOLOGY IN RESEARCH INTO RECENT USE OF MEDICAL PLANTS IN BELÉM FOLK MEDICINE, STATE OF PARÁ - BRAZIL, foi encaminhado ao periódico CHIRARE - Zeitschrift für Ethnomedizin und transkulturelle Psychiatrie - Herausgegeben von der Arbeitsgemeinschaft Ethnomedizin a.V. - Heidelberg.

(2) Professor Titular da Universidade Federal do Pará, lotado no Departamento de História e Antropologia. Chefe do Grupo de Antropologia.



cia, tal como foi utilizada por Berlin et alii (1973) ou seja: a categoria inclusiva de uma Taxonomia Etnobiológica é o "unique being" que corresponde ao nível 0; a forma de vida, ao nível 1; o gênero, ao nível 2; a espécie, ao nível 3 e a variedade, ao nível 4. A classificação adotada é uma adaptação à Taxonomia Etnobiológica desse autor.

Os habitantes da cidade que utilizam as plantas como medicamento, bem como as que as receitam, partilham da idéia de que todo e qualquer sentimento vinculado ao sofrimento, está incluído na categoria inclusiva "sofrer" e partir dessa categoria (nível 1) as várias modalidades de sofrer, formam outras categorias bastante distintas entre si, que se agrupam em outros níveis diferenciados e se subdividem nesses níveis. (Diagrama I).

Assim, o nível 1, indica as maneiras com que esse sofrimento se apresenta: o "social", que envolve o sofrimento causado pela pobreza (miséria, fome, etc.), pelo desemprego, pela injustiça social (nível 2); o "natural" que envolve os causados pelo incômodo, pela dor física, pelo mal estar, pela doença (nível 2) e finalmente o "emocional" que agrupa os provocados pela dor (sentimento psíquico da morte, da ausência, etc.) e pelo desajustamento à adaptação ao meio familiar ou social, à comunidade, à ordem política e econômica vigente) (nível 2).

As doenças (nível 2), apresentam-se agrupadas em duas subdivisões: as naturais e as não-naturais (nível 3).

Muito embora as expressões: doenças do corpo, doenças do espírito, doenças do mundo, doencaria, doença ruim, mal, enferrujado, flechado, sejam utilizados frequentemente por esse segmento da sociedade belemense, adotamos a nomenclatura de Maués (1977) de doenças naturais e não-naturais.

Em nossa classificação, nas doenças naturais agrupam-se as que tem como causa elementos de ordem natural ou normal. Assim, nessa categoria incluem-se as doenças traumáticas: as doenças produzidas por frio ou calor; as doenças produzidas por agentes químicos; as doenças tóxicas (produzidas por venenos); as doenças parasitárias (devidas a bactérias, vírus, etc.); as doenças dietéticas (devidas a alterações do metabolismo); as doenças reprodutivas (resultantes de alteração do psiquismo); as doenças hereditárias (de transmissão genética); as doenças degenerativas e as doenças funcionais (decorrentes de atividades exercidas pelo indivíduo).

Mas segundas (as não-naturais), agrupam-se todas as doen

ças provocadas por agentes sobrenaturais.

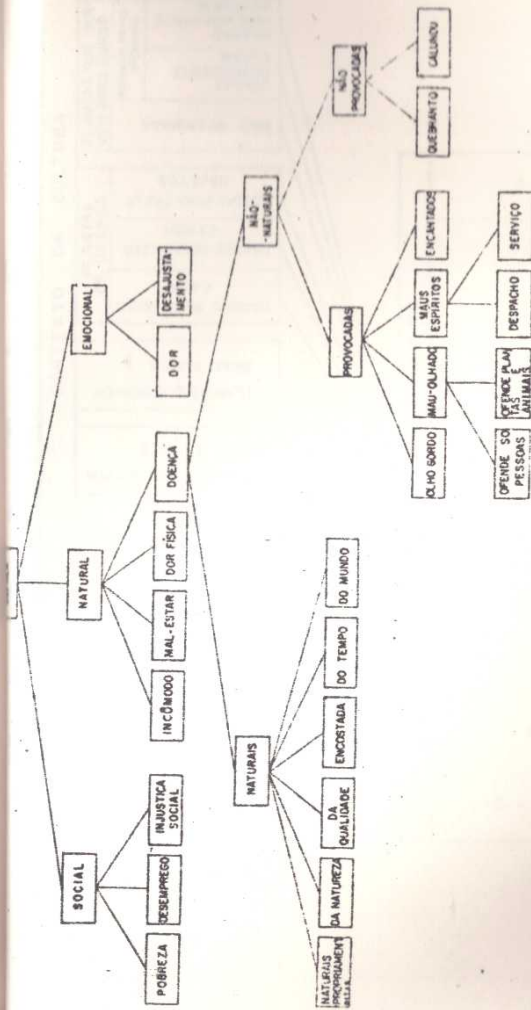
No que concerne à doenças naturais (nível 3), para esse segmento da população da cidade, essas ocorrem simplesmente por que existem e são por eles assim classificadas:

- as naturais propriamente ditas, que todo mundo normalmente as contrai, tais como a gripe, o sarampo, a coqueluche, a papeira, a catapora, as cefaléias, etc.;
- as da natureza, inerentes à predisposição que os indivíduos tem para adquiri-las, tais como a loucura, a epilepsia, etc.;
- as da qualidade, que modificam o aspecto das pessoas, como a caquexia e que, quando curadas, o indivíduo fica com sua "qualidade" melhorada;
- as encostadas, que se adquirem por contágio direto, tais como as viroses, as dermatoses, a tuberculose, etc.;
- as do tempo, que ocorrem em função de mudanças climáticas, tais como a gripe, a tosse, etc. ou ainda em função dos astros, como o sol, provocando cefaléias; da lua, provocando distúrbios ginecológicos; das estrelas que quando apontadas, provocam o aparecimento de berrugas (verrugas);
- as do mundo, que ocorrem por contacto sexual, tais como as doenças venéreas (blenorragia, cancro duro, o cancro mole, etc.) e que segundo eles, são doenças que "não dão em poste" (nível 4).

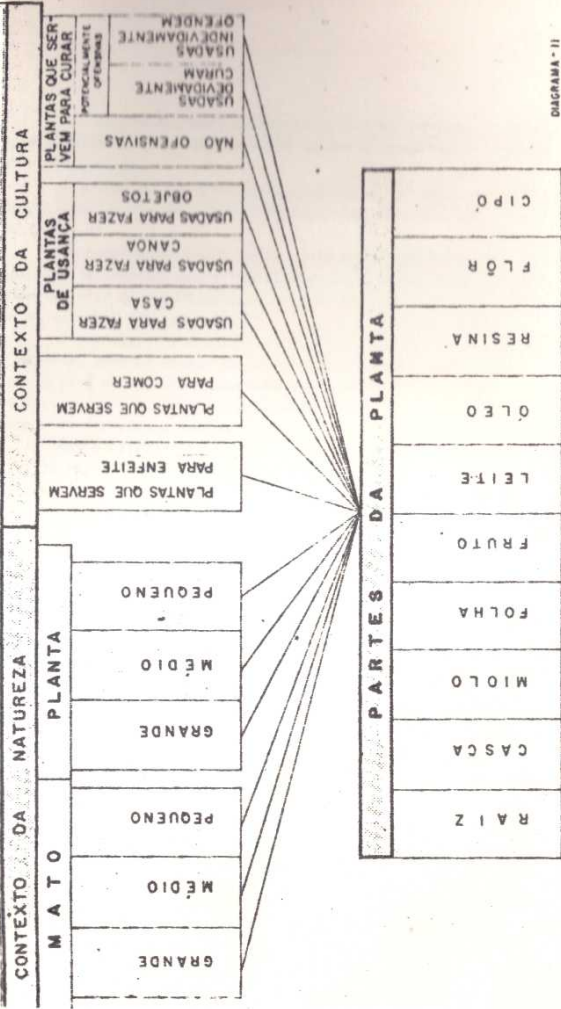
Quanto às doenças não naturais (nível 3), estas ocorrem em função de agentes humanos e não humanos, com ou sem vinculação religiosa, e que se agrupam em duas grandes categorias:

-As provocadas (nível 4):

- o olho gordo, motivado pela inveja, pelo ciúme, etc.;
- o mau olhado, motivado pela raiva, pelo despeito, pela contrariedade, que ofende não somente as pessoas, como igualmente às plantas e animais (inclui-se aqui o "olhar de secar pimenta" ra);
- as doenças provocadas pelos maus espíritos, manipulados por pessoas vinculadas à experimentos religiosos, tais como pajés e mães-de-santo, pajés, etc., que atingem os indivíduos para desjudicá-los e que apresentam sob duas formas: o "despacho" quando é realizado pessoalmente, e o "serviço", quando realizado sob as comendas;
- as doenças provocadas pelos "encantados" (agentes sobrenaturais: os caboclos e o caruanas) quando são infringidos tabus alimentares ou religiosos (nível 5).



P L A N T A S



- o quebranto, com ocorrência sempre em crianças, decorrente de olhar sem maldade em razão de ser a mesma honita, saudável e bem cuidada;

- o calundu com ocorrência em pessoas que possuem predisposição para receberem influências maléficas de espíritos trevosos (nível 5).

Os componentes desse segmento da sociedade belemense que manipulam os vegetais que curam as doenças quer naturais quer não naturais, vêm os mesmos debaixo de dois contextos: o da natureza e o da cultura. (Diagrama II).

O primeiro diz respeito ao vegetal inserido em seu ambiente natural, onde os mesmos são distribuídos em duas categorias: o Mato (o pau) encontrado desordenadamente no espaço ecológico e as plantas, que são os vegetais cultivados, ou seja, os que são plantados e se destinam a funções específicas.

Essas categorias são classificadas em função de seu porte, cujo parâmetro é a estatura humana. Os vegetais (matos e plantas) grandes são mais altas que os homens; os médios tem a estatura humana e os pequenos são menores que essa estatura.

No contexto da cultura, ambos - matos e plantas - se agrupam nas seguintes categorias:

- Plantas que servem para enfeite, onde estão incluídos os vegetais ornamentais, tais como os tajás, as avencas, as begônias, as samambaias, as roseiras, etc.;

- Plantas que servem para comer, ou sejam, os vegetais comestíveis, tais como as frutas, os tubérculos, os legumes, os condimentos, etc.;

- Plantas de usança, as quais são utilizadas para fabricação (acapul, palaranduba, jatobá, etc.): para fazer canoa (itauba, caçó, etc.) e para fazer objetos, tais como móveis, portas, esquadrias, remos, pilões, roseiras, esteiras, paneiros, etc. (coco, marupá, louro, tatejuba, arumã, timbui, etc.).

- Plantas que servem para curar com dois agrupamentos: as inofensivas, as que podem ser usadas em qualquer dosagem ou quantidade e não causar dano algum, como os chás diuréticos de quebra-pedra ou canim navalha, etc. e as potencialmente ofensivas, que se agrupam em plantas que devidamente usadas provocam cura de doenças e as que usadas indevidamente podem causar distúrbios de todo ordem inclusive a morte.

Muitos desses vegetais podem ser incluídos ao mesmo tempo em várias dessas categorias, como por exemplo: a andiroba, que é

mato grande, planta de usança e que serve para curar; como o jatobá, que é mato grande, planta de usança e que serve para curar ou ainda como a arruda, que é planta pequena, que serve para enfeitar e serve para curar.

Em ambos os contextos, o da natureza e o da cultura, as partes usadas dos vegetais são por eles denominados de: raiz, casca, miolo, folha, leite, óleo, resina, flor e cipó.

Os sistemas que envolvem os problemas de prevenção, classificação, diagnóstico e tratamento das doenças, envolvem estruturas de experimentos religiosos e não-religiosos. Cabe aqui acrescentar de experimentos religiosos e não-religiosos. Cabe aqui acrescentar de experimentos religiosos e não-religiosos. Cabe aqui acrescentar de experimentos religiosos e não-religiosos. Cabe aqui acrescentar de experimentos religiosos e não-religiosos.

- a Prevenção, envolve procedimentos de experimentos religiosos e não-religiosos. No caso dos tabus alimentares - os alimentos "reimados" por exemplo - a prevenção não requer procedimentos de experimentos. O mesmo não ocorre entretanto, com as doenças não-naturais, onde a busca dessa prevenção é sempre precedida de procedimentos de experimentos religiosos.

- a Classificação indicativa da doença ser natural ou não natural envolve procedimentos de experimentos religiosos. Para nós parece ser o ponto mais complexo da pesquisa. Maués (1977) utilizou a técnica dos cartões sugerida por Berlin et alii (1968: 292-293) e por Werner & Fenton (1970:577) em sua pesquisa realizada em uma comunidade de pescadores e concluiu após a tabulação dos mesmos que naquela comunidade as doenças se agrupam em duas grandes categorias: as naturais e as não-naturais - as que são tratadas por médicos e as que são tratadas por pajés. O universo de pesquisa em Itapua, denominação dessa comunidade localizada no Município de Vigia, no interior do Estado, era reduzido, quanto o de Beilém é de ordem macro-regional, de modo que acreditamos que essa metodologia pudesse ser aplicada no caso, entretanto adotamos a mesma nomenclatura sugerida por aquele pesquisador, tendo em vista o material coletado com os instrumentos de pesquisa e já referidos anteriormente. Assim, os que manipulam esses procedimentos religiosos são os que classificam as doenças para determinar se as mesmas são de ordem natural ou não-natural, ou seja, se as mesmas devem ser tratadas por médicos ou por pajés desses procedimentos religiosos.

- o Diagnóstico é decorrente da doença classificada (natural ou não natural) reveladas através de sintomas apresentados ou constatados por médicos, rezadores, curadores, puçangueiros, pajés, pais e mães-de-santo;

- o Tratamento, onde as puçangas são receitadas em função do diagnóstico feito.

Assim, temos nesse segmento da sociedade os seguintes "especialistas" ou "conhecedores" que receitam produtos de origem vegetal que curam ou ofendem, e que se acham agrupados nas seguintes grandes categorias:

- os que não utilizam como intermediárias entidades sobre naturais que receitam plantas como remédios para provocar a cura ou fazer sofrer;

- os médicos que receitam drogas de laboratório e alguns deles plantas que servem para curar;

- os puçangueiros, que utilizam as plantas como farmacologia, com conhecimentos adquiridos através de tradição oral;

- os rezadores que utilizam as plantas como elemento complementar exteriorizante de suas "rezas" (orações ou preces) de origem católica, através de conhecimento adquiridos por transmissão oral. Exemplo típico é a "benção" contra o queiranto com raiz de arruda, acompanhando as orações;

- os curadores, que conhecem as rezas, o formulário e a terapêutica a ser utilizada com as plantas que curam, também com conhecimentos adquiridos através de transmissão oral.

- Os que utilizam como intermediários, entidades sobrenaturais que receitam plantas como remédio para provocar a cura ou provocar o sofrer;

- os pajés, que recebem os "encantados"⁽³⁾ e estes prescrevem as formas de alcançar a cura ou de provocar a doença, bem como o receituário aplicável a cada caso. Essas entidades moram

[3] Adotamos a expressão "encantado" da mesma maneira que foi utilizada por Galvão [1953] e por Figueiredo & Vernolino & Silva [1972], ou seja: *Praticamente assistido por sacerdotes católicos e pelos missionários evangélicos, o indivíduo e a comunidade, acerta a outras crenças e práticas que reunidas às católicas, constituem sua religião. O Catolicismo é uma lista de vida que se sobrepõe a idéias locais, cuja origem é diversa, mas se dependem sobretudo, de influências amazônicas. Nesse mundo espiritual, os Santos são entidades que preferem não somente os homens como as comunidades em que vivem, e são devidamente reverenciados sob as formas as mais diversas, na*

nas "encantarias" (região localizada acima das nuvens e abaixo do céu) e se agrupam na chamada linha de Cura ou de Pena e Maracá.

- os pais e mães-de-santo, que recebem entidades sobre-naturais e que agrupam em categorias bem definidas (Vergolino e Silva, 1976) e estas prescrevem as formas de alcançar a cura ou provocar a doença.

Essas entidades atuam em dois domínios: o da proximidade (da terra, dos homens, do mal, da imoralidade, dos espíritos trevosos) e o da distância (do céu, dos santos, do bem, da moralidade, de Oxalá).

As entidades positivas (+) utilizam as plantas para curar; as negativas-positivas (!) para curar e fazer sofrer e as negativas (-) apenas para fazer sofrer:

- os "espíritos trevosos", "atrazados" ou terra-a-terra
- (-)
- os caboclos e os Exus batizados (!)
- os mestres (+)
- os pretos velhos (+)
- os "éres" (estado permanente) (+)
- os doutrinadores (+)
- os vodunços (+)
- os senhores (+)
- os em estado permanente de Mana Zocal (+)

Os pais e mães-de-santo partilham o experimento religioso do Batuque, que aglutina o Nagô, a Umbanda, a Jurema e o Bantu-merindio.

É muito comum encontrarmos nas estantes dessas pessoas que recebem as plantas que curam, para as doenças naturais e não-naturais, ao lado de livros e folhetos populares que tratam do assunto e que são vendidos nas portas dos mercados e nas feiras, como igualmente nas casas de artigos de Umbanda, publicações da

... tanto prosperidade, saúde e felicidade. Sua atuação, entretanto, não é total, pois existem situações em que sua força é potente. Essas situações encontradas no mundo sobrenatural na própria natureza, são fruto de atuação de outras entidades que habitam a floresta e o fundo dos rios. Esse mundo mitológico tem suas raízes indígenas e a denominação dessas entidades é expressa por palavras também de procedência indígena, que não guardam nenhuma relação com o termo primitivo, pois foi reformulada pela influência do catolicismo, dos cultos afro-brasileiros e outros, oriundos do contato dessas populações interioranas com as frentes de penetração nacional. Vergolino e Silva (1976) define os "encantados" como os "entidades sobrenaturais do Batuque e sinônimos de "guia", "santo" e "visível".

cientistas sociais brasileiros e estrangeiros e até mesmo de botânicos, que escrevem sobre esse tema.

Essa literatura é interpretada por esses agentes, dentro de seu mundo ideológico e é reformulada de tal forma que, salvo as receitas que são memorizadas, o conteúdo da mesma, quando exteriorizada por eles, não guarda mais o seu significado de origem.

Ensaio anteriores como os realizados por autores que estudaram os experimentos religiosos no Brasil, como Canargo (1973), tentaram elaborar modelos, levando em consideração os aspectos teóricos-metodológicos, o conteúdo e a função da vida religiosa, ensaio esses unânimes na concordância de que esses modelos somente podem ser utilizados em relação a determinadas áreas do país, porém não enquadrados nos mesmos a pajuçanga.

A dicotomia estabelecida entre o mundo da natureza e o mundo da cultura é entretanto uma constante nesse experimento, pois, se de um lado dois sistemas de classificação emergem, ambos diferentes de uma sistemática Botânica e Médica, esses sistemas se interdigitam, para eliminar o "sofrer" em todas as suas formas, especialmente o ocasionado pelas doenças "naturais" e "não-naturais".

Poderíamos esquematizar as oposições que emergem com o Diagrama III onde nesse esquema constatamos que o tempo I se caracteriza por uma descontinuidade entre os homens e os vegetais, onde cada um está dentro de um domínio específico que exclui o outro. Mas, para que exista a cura do "sofrer", necessário se faz um movimento dos homens em direção à natureza e para isso criam-se condições para que haja um pouco de ligação entre cultura/natureza e o elemento básico dessa ligação são os "especialistas" ou "conhecedores" com seus instrumentos de trabalho: as pajuçangas.

Desta forma, no tempo II vemos como o homem pode deter ou curar o sofrimento com as pajuçangas, junto à natureza com as plantas que curam.

Finalmente, no tempo III o homem e as pajuçangas retornam ao universo da cultura, pois a proporção que essas são consumidas, trazem a saúde.

Desta forma há um momento em que o homem e o vegetal estão totalmente separados; outro por ocasião da manipulação das pajuçangas em que o homem se confunde com os vegetais e, finalmente, um último, onde se separa definitivamente deles, quando os vegetais cumprem o seu destino ao serem consumidos, desaparecendo no mundo humano.

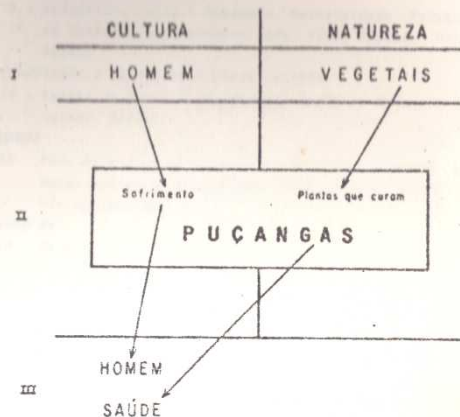
Matta (1973:83-92) ao reexaminar a "panena" na Amazônia,

chega a conclusões muito semelhantes quando analisa a relação homem/animal/instrumentos e conclui que: "a comunidade amazônica é cortada por dois eixos: um horizontal e outro vertical. O eixo horizontal representa as relações entre a comunidade e a natureza, o eixo vertical traduz as relações de poder e prestígio organizados num sistema determinado que influi nas relações da comunidade e o mundo natural".

A integração no sistema, dos processos de cura sem possessão ou com possessão feitas pelos "especialistas" ou "conhecedores" com as plantas, para curar o sofrimento produzido pelas doenças naturais e não-naturais, pode ser perfeitamente observado no diagrama IV onde os "especialistas" envolvem toda a estrutura que busca com os vegetais curar e sofrer.

Assim, concluiríamos que o conjunto de representações simbólicas em torno dos quais giram as estruturas normativas da utilização da medicina popular por segmentos da população de Belém, possui características próprias e rituais próprios e específicos no espaço urbano, pois como afirma Tambiah (S/D)... "os atos mágicos que apresentam uma finalidade persuasiva não são, de maneira alguma, restritos ao homem primitivo: as sociedades industriais modernas possuem também seus ritos e cerimônias, os quais alcançam seus objetivos através do pensamento normativo. Todavia, a ciência (na sua mais rigorosa definição) é uma realização apenas, talvez, das civilizações mais completas e letradas. No Ocidente, pelo menos onde ela alcançou seu maior desenvolvimento, a ciência provavelmente se originou e se diferenciou de certas formas de pensamento e atividades tradicionais e mágicas. Isso não deveria servir, automaticamente, como um esquema universal e linear, nem tampouco deveria haver um apelo retrospectivo e regressivo, segundo o qual a racionalidade da magia encontrar-se-ia contestada pela racionalidade da ciência em detrimento inevitável da primeira".

A Taxonomia das doenças e dos vegetais, empregada por esse segmento da população belemense, tem para ele, uma validade semelhante à Taxonomia Médica e Botânica utilizada pelos cientistas que atuam nessas áreas.



BIBLIOGRAFIA CITADA

- GERLIN, BRENY ET ALII
 1973 - General Principles of Classification and Nomenclature in Folk Biology, In *American Anthropologist* Vol. 75, N. 1, Washington
- CAMARGO, CÂNDIDO PROCÓPIO F. DE, (Ed)
 1973 - *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis.
- FIGUEIREDO, NAPOLÉO
 1979 - *Receitas, Pajés e Puçanas*. Universidade Federal do Pará/Editora Noitempo Ltda. São Paolina U.S. Belém.
- FIGUEIREDO, NAPOLÉO & VERGOLINO E SILVA, ANATZA
 1973 - *Festas de Santo e Encantados*. Academia Paraense de Letras. Belém.
- GALVÃO, EDUARDO
 1953 - *Vida Religiosa do Caboclo da Amazônia*. Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Antropologia. N. 25. Rio de Janeiro.
- HATTA, ROBERTO DA
 1973 - *Ensaio de Antropologia Social*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis.
- HAUES, RAYMUNDO HERALDO
 1977 - *A Ilha Encantada. Medicina e Xamanismo numa Comunidade de Pescadores*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília. Xerox.
- TAMBIAH, S. J.
 S/D - *Form and Meaning of Magical Acts: A Point of View*. Hans.
- VERGOLINO E SILVA, ANATZA
 1976 - *O Tambores das Flores: Uma Análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Xerox.
- WERNER, O. & FENTON, J
 1970 - *Method and Theory in Ethnoscience or Ethnoepistemology*. IN R. Naroll & P. Cohen (Eds): *A Handbook of Method in Cultural Anthropology*. Natural History Press. New York.